

O discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, de Winston Churchill: uma análise dialógica¹

Jonatas Barbosa Campos²

RESUMO: Buscando ter um modelo eficiente de denúncia de ideias totalitárias e promoção da democracia, analisamos, pelo prisma do conceito de dialogismo de Bakhtin, o discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, do político britânico Winston Churchill, no qual ele exaltava a democracia combatendo o nazismo. Desse modo, tentamos expor, mediante um exemplo já documentado (no caso, o de Churchill), informações relevantes para pesquisas na área de combate ao totalitarismo mediante a retórica. Os principais resultados foram os de que a descrição explícita das características de uma ditadura e a defesa da democracia são elementos essenciais daquele modelo.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo, Bakhtin, Churchill, nazismo, democracia, retórica.

RESUMEN: Buscando tener un modelo eficiente para denunciar las ideas totalitarias y promover la democracia, analizamos, a través del prisma del concepto de dialogismo de Bakhtin, el discurso “Estamos atravesando un tiempo en el que es necesario saber atreverse y saber sufrir”, del político británico Winston Churchill, en el que ensalzaba la democracia luchando contra el nazismo. De esta manera, intentamos exponer, utilizando un ejemplo ya documentado (en este caso, el de Churchill), información relevante para la investigación en el área de la lucha contra el totalitarismo a través de la retórica. Los principales resultados fueron que la descripción explícita de las características de una dictadura y la defensa de la democracia son elementos esenciales de ese modelo.

PALAVRAS CLAVE: Dialogismo, Bakhtin, Churchill, nazismo, democracia, retórica.

1 Introdução

“A alma do compreendedor não é tabula rasa, a palavra luta contra ela e a reorganiza”

(Bakhtin, 2019, p. 115)

Na Segunda Guerra Mundial, o uso da oratória foi às últimas consequências. Adolf Hitler (1889-1945), ditador da Alemanha, utilizou a língua teutônica para despertar nas mentes de seus seguidores o sentimento do arianismo, uma variação do conceito de superioridade de raças, que levou a uma catástrofe de milhões de mortes. Para combatê-lo, Winston Churchill (1874-1965), primeiro-ministro do Reino Unido, usou da língua inglesa para despertar no atônito povo britânico, acossado por bombardeios alemães, a necessidade de “levar avante a guerra, até que chegue à vitória, e reagir contra a servidão e a vergonha, custe o que custar, seja qual for a agonia” (Churchill, [1941] 1941, p. 238).

¹ Trabalho apresentado na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso — TCC, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Prof.^a Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva. E-mail: claudiarobertats@hotmail.com.

² Graduando em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE/SEDE. E-mail: jonatasbarbosacampos@yahoo.com.br.

Churchill é um exemplo documentado de como ter êxito contra uma tirania fazendo uso de discursos políticos: “Churchill é importante hoje porque salvou nossa civilização” (Jonhson, [2014] 2016, p. 14). Portanto, inferimos que um estudo cuidadoso de seus discursos pode apontar estratégias no combate à propagação de ideias totalitárias.

No início de 1940, já na guerra, quando Churchill ainda era primeiro lorde do almirantado (que seria ministro da marinha no Brasil), ele pronunciou o discurso intitulado “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, frase esta que também está no corpo do discurso. No mesmo, ressalta-se a denúncia contra o nazismo e a necessidade imperiosa de vencê-lo. É nesse discurso que centraremos nossa atenção neste artigo. A escolha por esse discurso deve-se a ele ter um detalhamento do *modus operandi* de uma ditadura, no caso, a do nazismo, e fornecer um contraste entre uma ditadura e a democracia, tudo isso por meio de um extenso jogo de palavras. Sua escolha também foi motivada por nos dias atuais notar-se o ressurgimento de ideias ditatoriais. Concluimos que esse discurso propicia um exemplo que pode ser seguido pelos que querem usar a comunicação pública de modo eficiente contra tais ideias.

Há outros estudos sobre as falas públicas de Churchill. O estudo de Dias (2014), que foca na comunicação que estimula a vencer a guerra, o de Sondermann (2018, p. 118), que tem “base no método da Hermenêutica de Profundidade, desenvolvido por John Thompson”, e nos “princípios de análise do discurso de Patrick Charaudeau”, e o estudo de Silva (2021), baseado em Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) e também em Charaudeau. Interpretamos o discurso mencionado, não contemplado nos outros estudos, na inovação de ser a base da interpretação o conceito de dialogismo de Mikhail Bakhtin (1895-1975).

Tendo como *corpus* de análise o discurso supracitado, temos como objetivo geral discutir o processo de construção dialógica desse discurso antinazista que consiste numa defesa pela democracia, tomando por base a perspectiva dialógica de Bakhtin (1992, p. 17), segundo a qual a língua é a “expressão das relações e lutas sociais, veiculando e sofrendo o efeito desta luta, servindo ao mesmo tempo de instrumento e de material”. Ademais, são objetivos específicos: (a) realizar breves incursões na biografia de Churchill, tendo em mente possíveis repercussões de sua formação (pessoal, acadêmica, político-administrativa) na construção de seu discurso; (b) analisar o contexto de produção (sócio-histórico e geopolítico) onde o discurso em análise foi produzido e (c) analisar dialogicamente como esse discurso se constrói, visando à denúncia do nazismo e à promoção da democracia.

Para a realização desta pesquisa, este artigo encontra-se assim estruturado: na *seção 2*, abordaremos vários aspectos da vida Churchill que podem fornecer indícios substanciais para o entendimento da construção dialógica em seus discursos, na *seção 3*, discorreremos sobre a abordagem teórico-metodológica adotada para a análise; na *seção 4*, realizaremos a análise interpretativa dos dados, tendo em mente as condições de produção do discurso, bem como sua construção sob a ótica do dialogismo e, por fim, apresentaremos as considerações finais, reunindo os principais resultados.

2 Breves incursões na biografia de Winston Churchill

“Winston Churchill, o estadista inglês que salvava a civilização com sua resistência ao avanço da Alemanha nazista”

(Wainer, 1993, p. 116)

Winston Leonard Spencer-Churchill nasceu em 30 de novembro de 1874, no apogeu do império britânico, na era vitoriana. Ele cresceu na elitista tradição aristocrática desse período que

constituía um clã à parte, com hierarquias, pronúncias, clubes, escolas, faculdades, carreiras, vocabulário, códigos de honra, rituais amorosos, lealdades, tradições, esportes e senso de humor muito próprios. Alguns desses traços eram muito complicados, quase impenetráveis para os de fora. Quando Churchill, como jovem subalterno, foi apresentado ao sistema de castas na Índia, entendeu-o de imediato. Suas opiniões políticas derivavam em grande parte do movimento da Jovem Inglaterra dos anos 1840, liderado por [Benjamin] Disraeli [que era judeu – 1804-1881], cujo senso de *noblesse oblige* pressupunha uma imutável superioridade, mas também valorizava instintivamente as obrigações dos privilegiados para com os menos favorecidos. Na interpretação de Churchill, as obrigações da aristocracia significavam que ele e sua classe tinham profunda responsabilidade em relação ao país, detentor do direito de esperar seus serviços em caráter permanente. A elite britânica do último quartel do século XIX podia, às vezes, parecer totalmente alienada do resto da sociedade (Roberts, [2018] 2020, p. 59).

Vale referirmos ainda que parte dessa tradição era o distanciamento afetivo dos pais

Hoje, o politicamente correto determina com frequência as convenções sociais. No tempo de Churchill, sobretudo para as pessoas de sua classe, era o “correto vitoriano” que definia o padrão. O CV³ exigia uma certa indiferença dos pais em relação aos filhos. Em alguns lares, os pais se reuniam com os filhos somente com hora marcada (determinada pelo pai) e na presença de um criado. Se a criança se tornasse muito problemática, desagradável ou indelicada, a

³ Correto vitoriano.

empregada poderia rapidamente assumir o controle (Sandys; Henley, [2015] 2018, p. 37).

Em sua vida, ele desenvolveu um desejo intenso de chamar a atenção das massas, e de possivelmente querer, mediante tal atenção, compensar a falta de afeto do pai, Lorde Randolph Churchill (1849-1895), morto quando Winston tinha 20 anos

Churchill cresceu com dois poderosos e simultâneos sentimentos com relação ao pai: o de que ele era uma decepção para Randolph, e o de que o próprio Randolph tinha sido passado para trás e privado da grandeza que deveria ter sido sua. Churchill, portanto, queria fazer duas coisas: provar seu valor para o pai e reabilitá-lo (Jonhson, 2016, p. 53).

Seu desenvolvimento intelectual formal se deu, além de outras escolas, no internato Harrow, onde obteve profundo conhecimento da língua inglesa, consolidado pelo estudo das línguas grega e latina, comum nas escolas da época. Ele dava especial atenção a palavras curtas e arcaicas em seus discursos. Ele não teve formação universitária, pois preferiu seguir a carreira de oficial militar, que começou na Índia, onde aproveitava as horas vagas para compensar a falta de formação acadêmica lendo e estudando: “Um amigo comentou que emprestara a Churchill a *Ética* de Aristóteles na tradução do dr. Welldon. Era muito bom, foi a resposta, ‘mas é extraordinário o quanto disso eu mesmo já tinha pensado sozinho’” (Roberts, 2020, p. 91).

De acordo com o site da *International Churchill Society*,⁴ ele publicou mais de quarenta livros em mais de sessenta volumes e centenas de artigos e foi laureado com o Nobel de Literatura em 1953. Ainda na Índia, já pensando numa carreira política, estudou discursos e procedimentos da Câmara dos Comuns (equivalente à Câmara dos Deputados no Brasil) dos últimos anos. Após anos de aventuras militares e jornalísticas na Índia, no Sudão, em Cuba e no sul da África, culminados por uma fuga de prisão em Pretória, foi eleito como parlamentar na Câmara dos Comuns.

Em seis décadas de carreira política, foi do partido Conservador ao Liberal e de volta ao Conservador, do qual era o líder na Segunda Guerra. Venceu dezenas de campanhas de eleição e assumiu várias pastas ministeriais. Quando chegou a ser primeiro-ministro, tinha uma experiência em discursos públicos e na administração governamental inigualável, como informa Roberts (2020, p. 181)

⁴ <https://winstonchurchill.org/visit/>.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Churchill tinha feito [no decorrer de sua vida] cerca de 1700 discursos e percorrido cerca de 130 mil quilômetros – mais que o triplo da circunferência da Terra – para apresentá-los. Era uma demonstração excepcional de energia, muito maior do que a dos políticos normais, mesmo os da linha de frente. Tornara-se um orador público de enorme experiência e segurança, capaz de avaliar num átimo qualquer plateia.

De mais a mais, conforme o próprio Churchill ([1959] 1995, p. 258) expressa quando se tornou primeiro-ministro, um grande desafio se instaurava e, para enfrentá-lo, estava certo de que sua formação baseada em seu “sólido conhecimento” seria suficiente para que não fracassasse

Senti-me como se caminhasse de mãos dadas com o destino, e como se toda a minha vida pregressa tivesse sido apenas uma preparação para essa hora e essa provação [da Segunda Guerra Mundial]. Eu não poderia ser censurado nem por travar a guerra nem por estar despreparado para ela. Acreditava ter um sólido conhecimento daquilo tudo e tinha certeza de que não fracassaria.

Após a Primeira Guerra Mundial, alcunhada de “a guerra para acabar com a guerra” (Churchill, 1995, p. 3), houve um crescimento do pacifismo. Havia intensos debates, notadamente em torno da Liga das Nações, em Genebra, para uma redução de armas e exércitos. Mas o avanço do poderio nazista na Alemanha nos anos 1930, conseguido com empréstimos e o não cumprimento de tratados que a proibiam de se armar, criou discussões na Grã-Bretanha sobre o que fazer para que uma nova guerra não ocorresse. O debate orbitou a questão do apaziguamento que, segundo a definição apresentada por Magnoli (2017), foi uma política externa adotada pelo então primeiro-ministro do Reino Unido, Neville Chamberlain (1869-1940) e pelo então primeiro-ministro da França, Édouard Daladier (1884-1970), que consistia em evitar a guerra contra a Alemanha, ainda que a um custo elevado. Quase todo o parlamento e o governo, e mesmo a opinião pública, eram a favor do apaziguamento. Porém, Churchill era contra.

Nos anos 1930, devido a desentendimentos políticos, ele passou pelo que chamou de “ostracismo político” (Churchill, 1995, p. 258). Durante esse período, discursou sobre o perigo do nazismo. Acreditava que a única forma de parar seu avanço era aumentar o armamento britânico, principalmente o poderio da Real Força Aérea em número cada vez maior de aviões de combate. No ambiente de debates pacifistas de então, esses discursos de Churchill eram vistos como anacronicamente belicosos.

Após tentativas de conseguir a paz com Hitler, o Reino Unido, sob o comando de Chamberlain, teve que lhe declarar guerra em 3 de setembro de 1939, como retaliação

à invasão da Polônia dois dias antes por aquele ditador. A essa altura, Hitler já tinha invadido e anexado a Renânia, a Áustria e a então Tchecoslováquia.

Churchill foi convidado a ser primeiro lorde do almirantado para ajudar nos esforços britânicos na Marinha. Foi durante esse seu posto que fez o discurso objeto de análise linguística deste artigo. Subsequentemente, com a incapacidade do governo do Reino Unido impedir o avanço nazista, que invadiu a Dinamarca, a Noruega e a Suécia, Chamberlain renunciou e Churchill assumiu o posto de primeiro-ministro em 10 de maio de 1940, no mesmo dia da invasão nazista de Luxemburgo, dos Países Baixos e da França.

Ele precisou usar toda sua experiência e conhecimento da língua e da arte da retórica para, por meio de seus discursos políticos durante o avanço do nazismo, construir sentidos por meio do dialogismo, não somente com a população britânica, mas também, segundo Churchill (2005) e Roberts (2020), com os povos dominados pelos nazistas, povos esses que clandestinamente tinham acesso a seus pronunciamentos.

3 Fundamentação teórico-metodológica

Durante o empreendimento investigativo, embasamos a análise nos pressupostos da teoria dialógica de Bakhtin (1992, 2019). Um dos estudiosos da obra desse filósofo da linguagem, Fiorin (2022, p. 21-22) reúne assim os pressupostos básicos do dialogismo

Segundo Bakhtin, a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade de ser dialógica. Essas relações dialógicas não se circunscrevem ao quadro estreito do diálogo face a face, que é apenas uma forma composicional, em que elas ocorrem. Ao contrário, todos os enunciados no processo de comunicação, independentemente de sua dimensão, são dialógicos. Neles, existe uma dialogização interna da palavra, que é perpassada sempre pela palavra do outro, é sempre e inevitavelmente também a palavra do outro. Isso quer dizer que o enunciador, para constituir um discurso, leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu. Por isso, todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.

Em outras palavras

Todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do processo de intercâmbio de ideias: é social. Monólogo absoluto – expressão de uma individualidade – não existe; isto é uma ficção da filosofia idealista da linguagem, que haure a língua da criação individual. A língua é dialógica (“meio de comunicação”) por natureza. O monólogo absoluto, que seria um monólogo fundado na língua, é excluído pela própria natureza da língua (Bakhtin, 2019, p. 118).

É necessário ligeiramente salientarmos a diferença entre discurso no sentido corriqueiro da palavra e no da teoria bakhtiniana. No primeiro caso, trata-se da “[f]ala de caráter oficial ou solene, normalmente preparada e organizada com antecedência para ser proferida em público; peça oratória” (Sacconi, 2010, p. 691), e no segundo, da “língua em sua integridade concreta e viva” (Flores *et al.*, 2009, p. 84). Sob a última concepção de discurso adotada neste artigo, assumimos com Bakhtin (2019, p. 117) o seguinte

Discurso é a língua *in actu*. É inadmissível contrapor língua e discurso em qualquer que seja a forma. O discurso é tão social quanto a língua. As formas de enunciado também são sociais e, como a língua, são igualmente determinadas pela comunicação

Sendo a língua e o discurso um todo social inseparável, para compreendermos como os discursos se constroem em uma determinada esfera social, é imprescindível entendermos o contexto de sua produção. Por exemplo, em se tratado da época em que o discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, de Churchill, foi proferido, não podemos deixar de lado as tensões geopolíticas europeias e a Segunda Guerra Mundial, onde três líderes políticos destacaram-se por usar uma oratória que cativava seu respectivo público: os ditadores Benito Mussolini (1883-1945), da Itália, e Adolf Hitler, da Alemanha; e o parlamentar britânico Winston Churchill. Eles se destacaram por usar a língua para perpetuar sua ideologia, sua visão de mundo, buscando, sobretudo, persuadir seus interlocutores (através da leitura de seus discursos em jornais, por exemplo) a desenvolverem atitudes que se materializavam em um conflito antidemocrático (no caso dos ditadores) e em um conflito a favor da democracia (no caso de Churchill). Nesse domínio, sentidos vão sendo construídos, haja vista que as tomadas de atitudes dos sujeitos não se dão aleatoriamente devido às condições histórico-sociais que lhe permitem dizer o que pode e deve ser dito em contextos diversos (formação discursiva), não excluindo que, nessa formação, há também a formação ideológica. Nessa acepção, Bakhtin afirma que toda modificação ideológica ocasiona uma mudança no signo, estando ambas atravessadas pela psicologia do corpo social definida como “o elo de ligação entre a estrutura sócio-política e a ideologia no sentido mais estrito do termo (ciência, arte, etc.)” (Bakhtin, 1992, p. 42).

Partindo do quadro teórico aqui adotado, assumindo que todo e qualquer discurso é social e constituído indubitavelmente em sua essência com a língua, realizaremos uma análise qualitativa do tipo documental do discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, de Winston Churchill. Para tanto, a análise levará em

conta o contexto de produção desse discurso, onde o nazismo configurou-se como a mais urgente ameaça contra a democracia naquele momento, sendo Churchill o político que mais esforços envidou para denunciá-lo.

4 Análise dos dados

4.1 O contexto de produção do discurso

4.1.1 Qualificações de Churchill como orador

Inferimos de Barbosa (2013), que a formação da aristocracia inglesa vitoriana, da qual Churchill fazia parte, incluía clássicos gregos e latinos, abarcando a retórica. Ademais, sua familiaridade com escritores do passado britânico, como William Shakespeare (1564-1616), Edward Gibbon (1737-1794) e Thomas Macaulay (1800-1859), o levou a memorizar poemas, que talvez contribuíssem para sua reflexão mais aguçada do trabalho com e através da língua para produzir efeitos de sentido na interação com os interlocutores. Como evidência, temos o relato feito por Roberts (2020, p. 656)

Em 22 de julho [de 1940], Churchill mudou o nome dos Voluntários Locais de Defesa para “Guarda Nacional”, contra o conselho do Ministério da Guerra e de muitos de seus oficiais superiores, mas [Anthony] Eden [1897-1977, futuro primeiro-ministro] registrou: “Ele insistiu”. Mais tarde trocou o nome dos Centros de Alimentação Comunal, que considerava “sugestivos do comunismo e de asilos para pobres”, para “Restaurantes Britânicos”, dizendo a Woolton: “Todo mundo associa a palavra ‘restaurante’ a uma boa refeição, e eles podem pelo menos ter o nome, se não puderem obter qualquer outra coisa”. O general Alexander relembrou que, quando usou os termos “fortaleza europeia de Hitler”, Churchill “virou-se para mim com raiva e disse: ‘Nunca mais use esses termos. Nunca use esses termos novamente’. Winston tinha uma noção muito aguçada do significado das palavras”. E isso não se aplicava apenas em relação ao significado dos termos, mas também ao seu impacto emocional. No primeiro semestre de 1941, ele se queixou a Duff Cooper da mensagem “*Stay put*” [Fiquem a postos], que seria enviada pelo Ministério da Informação no caso de uma invasão alemã. “Primeiro de tudo, é uma gíria norte-americana; em segundo lugar, não expressa o fato. As pessoas não foram ‘postas’ em nenhum lugar. Qual é o problema com ‘*Stand fast*’ ou ‘*Stand firm*’? Dos dois eu prefiro o último. É uma expressão inglesa e diz exatamente o que se pretende.”

Churchill teve vários secretários e secretárias em sua vida. Roberts (2020, p. 661-662) informa que: “‘O segredo de seus grandes discursos era que ele mesmo ditava tudo o que ia dizer’, explicou Leslie Rowan [1908-1972], seu secretário particular, depois da guerra. ‘Não aceitava, nem mesmo em questões técnicas, os textos oficiais submetidos a ele.’” Era notória sua quase obsessiva preocupação com a versão final do texto que materializaria seu discurso

Os discursos de Churchill eram um triunfo do esforço e da preparação, em que frases eram revisadas e buriladas e aperfeiçoadas com zelo e cuidado até ganharem forma, como uma mãe urso lambe seus filhotes. Dançando diante dele como um fogo-fátuo havia sempre a fantasmagórica luminescência da reputação de seu pai, e à medida que Churchill foi ficando mais velho podemos sentir seu esforço e seu anseio de emulação (Jonhson, 2016, p. 103).

O próprio Churchill escreveu aos 23 anos um artigo que ele nunca publicou em vida chamado *The Scaffolding of Rhetoric*,⁵ no qual elencava cinco elementos de um bom discurso: “Palavras bem escolhidas; frases cuidadosamente montadas; acumulação de argumentos; uso de analogias; recurso a extravagâncias” (Roberts, 2020, p. 101).

Compreendendo que Churchill era um grande orador de sua época, é importante aludir as palavras de Rezende (2009), ao se referir ao orador romano Quintiliano (35-95) com base na recomendação de que “o orador seja também uma espécie de ator exímio” (Rezende, 2009, p. 61). Da mesma forma que um ator ou atriz precisa usar seu corpo, incluindo sua voz, seus gestos e sua postura para que sua atuação seja crível, o orador também deve usar de tais elementos para que, em uma junção de fala e corpo, seu discurso seja convincente.

Embora não haja um registro audiovisual do discurso “Atravessamos uma época [...]”, o que dificulta a realização de uma análise sobre o uso de recursos paralinguísticos (por exemplo, gestos e dicção), há alguns vídeos, encontrados na plataforma *YouTube*, que mostram o padrão da performance corporal de Churchill, sua oralidade, expressão facial e gestualidade. Johnson (2016, p. 110) lamenta que

Quanto à enunciação, o fato triste é que não dispomos de registros gravados das performances de Churchill na Câmara dos Comuns, e devemos nos virar com o material que temos à mão, [das] gravações que ele fazia para as transmissões radiofônicas. Em sua dicção há um bocado de rosnados e resmungos, mas certamente Churchill não berra bravatas bombásticas, seu discurso não é um furioso acesso de tiradas incoerentes em linguagem oca e empolada; quando muito, suas frases têm uma deslizada decrescente, uma decaída no final. Talvez ele discursasse com mais vigor na Câmara dos Comuns, mas é possível perceber por que nem sempre obtinha boas resenhas

Pelo vídeo encontrado no canal da *British Pathé*,⁶ que mostra trechos de um discurso do já primeiro-ministro britânico no congresso americano, em 19 de maio de 1943, temos uma ideia de como teria sido a performance vocal e corporal de Churchill no discurso “Atravessamos uma época [...]”. Sua voz é alta e enérgica. As palavras seguem

⁵ “Os Esteios da Retórica”, tradução: Denise Bottmann & Pedro Maia Soares em Roberts (2020).

⁶ https://www.youtube.com/watch?v=8MEv_54n6mI.

um fluxo regular entre rápido e lento; em algumas frases, há pausas antes de algumas palavras que são ditas com mais força. Em certos momentos, suas mãos ficam espalmadas na barriga, depois uma sobre a outra, repousadas no tórax; noutra instante, elas batem com força sobre o peito; também são usadas para pontuar o discurso sendo movidas com rapidez de cima para baixo; em outra ocasião, a mão direita bate fechada suavemente sobre a esquerda. Em um dado momento, seus braços se apoiam no pódio, mas, na maior parte do tempo, estão livres. Sua face tem uma feição cerrada. Ele usa óculos para ler o discurso, mas, no fim do mesmo, ele destaca a última frase com a retirada dos óculos.

Devido aos anos de denúncias no parlamento contra o nazismo feitas por Churchill – denúncias essas que iam aumentando seu *ethos* perante a opinião pública, principalmente com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, que viera provar que ele estava certo o tempo todo –, uma fama de homem a quem se devia credibilidade ganha força no contexto da eclosão da guerra. No momento desse discurso, o *ethos* de Churchill estava em ação, dialogando com o público

Persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exacto e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o carácter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o carácter é o principal meio de persuasão (Aristóteles, 2005, p. 96).

A construção do *ethos*, sob o ponto de vista da antiga retórica, deu-se ao longo da carreira política de Churchill, através de seus discursos que, de maneira implícita, sinalizavam para suas qualidades como um líder democrático cujas bases remontam à sua formação de vida e acadêmica (cf. seção 2). Ao fazer uso da palavra, proferindo seus discursos, seus enunciados não são únicos, mas dialogam com outros enunciados, o que faz da enunciação o lugar da materialização de uma ideologia antinazista que abre espaço para a (re)construção de sentidos por parte dos interlocutores na interação verbal.

Mesmo que Churchill delineasse seus próprios discursos, conforme demonstrado anteriormente, é necessário salientarmos um detalhe: o livro no qual encontra-se o discurso objeto desta análise foi organizado e prefaciado por seu filho, Randolph S. Churchill (1911-1968); na edição inglesa, o livro recebeu o nome de *Into battle*,⁷ na

⁷ “Para a batalha” (tradução nossa).

americana, o de *Blood, sweat and tears*; a nome da brasileira é uma tradução do da americana, “Sangue, suor e lágrimas”. Portanto, é presumível que a escolha do título do discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, uma frase que consta no próprio discurso, tenha sido feita pelo próprio Churchill; quando muito, entre pai e filho, na edição do livro.

Ao selecionarmos o título do discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer” para integrar parte do título deste artigo, consideramos que a escolha do verbo “atravessar” na construção afirmativa positiva (“Atravessamos uma época...”) e a inclusão da oração relativa restritiva (“em que é preciso saber ousar e saber sofrer”) reúnem dois movimentos que, a nosso ver, se instauram ao longo do discurso de Churchill: (i) o reconhecimento do fato de que os ingleses estão vivenciando um período muito difícil na Segunda Guerra Mundial em que Churchill também se enquadra e, portanto, o uso do sujeito desinencial com referência de primeira pessoa do plural “Atravessamos”, fortalecendo o sentimento de identificação e de empatia de Churchill para com a nação inglesa e (ii) as estratégias necessárias para superar essa época difícil, caracterizadas por duas orações subjetivas coordenadas, a saber: “é preciso saber ousar e saber sofrer”, ou seja, não se nega o sofrimento advindo da guerra, mas o ponto crucial é saber vivenciá-lo sem perder a ousadia de lutar por dias melhores, que se coloca como passo primordial: sabendo ousar, saberei sofrer porque a esperança, mola condutora da ousadia, não estará perdida e, conseqüentemente, o sofrimento não será permanente. Esse, portanto, é o viés condutor do discurso de Churchill: reconhecimento do problema e formulação de estratégias para superá-lo. Para tanto, é imprescindível um conhecimento (saber) não só teórico, mas também prático. Diante disso, os enunciados proferidos por Churchill convocam reflexões que motivam ações por parte de seus interlocutores contra a ideologia nazista para a qual é preciso saber ousar e saber sofrer, tendo em mente que a ação coletiva, embasada na ideologia democrática, culminará na promoção da liberdade e término, portanto, do sofrimento.

4.1.2 Local e público do discurso

Em se tratando do momento em que foi proferido, o discurso “Atravessamos uma época [...]” ocorreu em 27 de janeiro de 1940, quando Churchill ainda era primeiro lorde do almirantado sob a chefia do então primeiro ministro Neville Chamberlain. O site

da *International Churchill Society* ⁸ informa que o discurso foi proferido no *Free Trade Hall*.⁹ Possivelmente o discurso foi pronunciado no horário da tarde, pois Roberts (2020) menciona que depois do evento houve um jantar em família no trem de volta para Londres.

De acordo com Meneguello (2000), Manchester é conhecida como a primeira cidade industrial, a ponto de ter se tornado paradigma desse tipo de urbes. No site do *Imperial War Museums*,¹⁰ é dito que

Manchester e arredores foram um importante centro industrial durante a Segunda Guerra Mundial. [...] Os principais produtores incluíam o fabricante de aeronaves AV Roe, que produzia bombardeiros Manchester e Lancaster. A Ford também empregou 17 mil trabalhadores na fabricação de motores aeronáuticos em um enorme novo complexo fabril. Durante os ataques aéreos de 22 a 24 de dezembro de 1940, a fábrica da Metropolitan-Vickers em Mosley Road foi apenas uma das fábricas da área gravemente danificada (tradução nossa).¹¹

Portanto, concluímos que vários operários viviam nessa cidade que congregava parte da manufatura de equipamentos para a guerra.

Segundo Brown (2020), o *Free Trade Hall* é um edifício construído no século XIX que abrigava desde concertos a reuniões políticas, tendo sido inclusive palco importante das sufragistas no início do século XX. Portanto, também concluímos que os trabalhadores das fábricas iam regularmente ao *Free Trade Hall* para reuniões públicas.

Qual o público para o qual Churchill se dirigiu no discurso? Podemos deduzir a resposta de alguns dados. (1) Roberts (2020) informa que seus filhos, Randolph e Mary (1922-2014) estavam com ele. (2) Por Churchill ser um político influente no país, que naquele momento estava exercendo um dos cargos mais importantes do governo nos esforços de guerra (primeiro lorde do almirantado), é bem provável que políticos e empresários locais estavam no *Free Trade Hall* para acompanhá-lo. (3) Deve-se levar em consideração as informações supracitadas sobre a cidade de Manchester, como local de

⁸ <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/first-lord-of-the-admiralty-27-jan-1940/>.

⁹ “Salão do Comércio Livre” (tradução nossa).

¹⁰ “Museu Imperial da Guerra” (tradução nossa). Link: [https://www.iwm.org.uk/history/the-manchester-b blitz#:~:text=The%20city's%20infrastructure%20was%20badly,and%20unexploded%20bombs%20\(UXBs\)](https://www.iwm.org.uk/history/the-manchester-b blitz#:~:text=The%20city's%20infrastructure%20was%20badly,and%20unexploded%20bombs%20(UXBs)).

¹¹ No original: *Manchester and the surrounding area was a major centre of industry during the Second World War. [...] Major producers included the aircraft manufacturer A V Roe which produced Manchester and Lancaster bombers. Ford also employed 17,000 workers making aero engines in a huge new factory complex. During the air raids on 22-24 December 1940, the Metropolitan-Vickers works in Mosley Road was just one of the area's factories to be badly damaged.*

fábricas e de moradia de operários, e sobre o *Free Trade Hall*, como local de reuniões públicas às quais os trabalhadores tinham acesso, tanto que no começo do discurso, Churchill menciona “a magnífica reunião a que assisto hoje” (Churchill, 1941, p. 184).

(4) No discurso, ele fala das *Trade Unions* (sindicatos), dos operários e das mulheres

Somos forçados a uma grande expansão da nossa força de trabalho, sobretudo do trabalho especializado e semi-especializado. Para isso, precisamos contar principalmente com o auxílio e a orientação dos nossos colegas trabalhistas e com os líderes das Trade Unions. Sinto-me autorizado a abordar esse assunto, pois tive a meu cargo o Ministério das Munições, na sua fase culminante. Precisamos de milhões de novos operários e precisamos também que um milhão de mulheres, venham corajosamente auxiliar a nossa indústria de guerra – nas fábricas de munições, nas de explosivos, nas de aviões. Se as Trade Unions, por motivos patrióticos ou internacionais, abdicarem, enquanto durar a guerra, algumas das prerrogativas obtidas com tanto esforço, podem ter a certeza de que, quando chegar a vitória, essas prerrogativas lhes serão restituídas sem restrições. Quase um milhão de mulheres prestaram serviços ao Ministério das Munições, na guerra de 1918. Fizeram toda a espécie de trabalhos, trabalhos que ninguém esperava que tivessem capacidade para realizar. Finda a guerra, voltaram todas para seus lares, sem perturbar a reorganização normal da vida e do trabalho britânico. Se não houver essa expansão e se não permitirmos que as mulheres da Grã-Bretanha participem da luta, como desejam fazê-lo, falharemos na nossa parte do encargo que a França e a Grã Bretanha assumiram juntas e que, agora, temos o dever de juntas levar até o fim, sob pena de percermos miseravelmente, na escravidão e na desgraça.

Na interpretação de Roberts (2020, p. 554)

Churchill convocou 1 milhão de mulheres para ajudarem no esforço de guerra nas fábricas de munições, liberando os homens para o combate. Em seu entender, as pessoas não se importavam que lhes pedissem sacrifícios, se soubessem que eram necessários.

Portanto, chegamos à conclusão de que é muito provável que o público de Churchill naquela ocasião fosse as autoridades cívicas, empresariais e sindicais locais, e principalmente os trabalhadores das fábricas, com importante inclusão feminina. Na Primeira e Segunda Guerra Mundial, a economia da Grã-Bretanha foi canalizada para a fabricação de equipamentos de guerra, ao que foi criado nos dois períodos um Ministério das Munições, que Churchill assumiu no fim do primeiro grande conflito. Em ambas as situações, foi preciso grande quantidade de operários para tais fins. Em sua vida política, Churchill teve de lidar com greves de operários, estimuladas e lideradas pelos sindicatos, com os quais ele negociou pessoalmente. É plausível supormos que, para evitar novas possibilidades de greves na Segunda Guerra Mundial, decidiu usar sua retórica, apelando

aos trabalhadores uma união com toda a nação por uma causa maior: a liberdade da nação britânica, que incluía os direitos trabalhistas conquistados até então, face ao avanço do nazismo.

Ao contrário da década anterior, ao proferir seu discurso “Atravessamos uma época [...]”, há uma atitude responsiva de concordância às suas denúncias antinazistas não apenas do parlamento como também da opinião pública, pois como relata Roberts (2020, p. 554-555) sobre o que ocorreu após o discurso: “Um ouvinte escreveu mais tarde: ‘Ninguém naquele salão naquele dia pôde deixar de se emocionar com as frases históricas que se erguiam por todo o mundo livre como um chamado à ação’.”

4.2 A construção dialógica do discurso antinazista e pró-democracia de Churchill

4.2.1 Denúncia contra o nazismo

Como jovem oficial do exército, Churchill testemunhou o modo de agir dos adeptos do fundamentalismo islâmico no noroeste da Índia e no Sudão.

Nenhum dos três primeiros-ministros britânicos dos anos 1930 – Ramsay MacDonald [1886-1937], Stanley Baldwin [1867-1947] e Neville Chamberlain – jamais se deparara em primeira mão com tal extremismo na vida, e eles foram tragicamente morosos em perceber a natureza da ideologia nazista. Churchill combatera o fanatismo na juventude e reconheceu antes de qualquer outra pessoa seus traços principais (Roberts, 2020, p. 104).

No fim de 1932, antes mesmo de Hitler ser chanceler da Alemanha no ano seguinte, Churchill começou alertar a verdadeira intenção dos nazistas: vingar-se da derrota da Primeira Guerra Mundial. Observe-se as palavras de seu discurso em 23 de novembro de 1932, intitulado “Bandos de jovens teutônicos robustos”, na Câmara dos Comuns

Agora, o pedido é que a Alemanha tenha permissão para se rearmar. Não se iludam. Não deixem o governo de Sua Majestade acreditar – estou certo de que não acreditam – que a Alemanha pede apenas um status de igualdade. Creio que o termo refinado agora é: status qualitativo de igualdade – ou, como alternativa, status qualitativo de igualdade com estágios postergados indefinidamente. Não é isso o que a Alemanha está buscando. Todos esses bandos de jovens teutônicos robustos, marchando pelas ruas e estradas da Alemanha, tendo nos olhos a luz do desejo de sofrer pela pátria, não estão procurando qualquer status. Estão procurando armas e, quando as tiverem, podem acreditar, vão pedir a devolução das colônias e dos territórios perdidos – e quando esta exigência for feita, certamente estarão abalados e possivelmente destruídos, em suas fundações, cada um dos países que mencionei e outros que não mencionei (Churchill, [2003] 2005, p. 102).

Ele prosseguiu com suas denúncias pela década de 1930. Seus discursos dialogavam com os da opinião parlamentar de então, mas não por concordância e sim por discordância, uma situação que converge com a ótica do dialogismo. De acordo com Bakhtin (2019), a atitude responsiva, ou dialógica, de quem compreende, também pode ser a de discordância, o que pode gerar novos sentidos em decorrência de a palavra, signo ideológico por excelência (Bakhtin, 1992), não ser monológica.

O apogeu da política de apaziguamento foi em 30 de setembro de 1938, quando foi assinado o Acordo de Munique, no qual a França e a Grã-Bretanha isentaram-se formalmente de oporem-se ao avanço do nazismo na então Tchecoslováquia, para evitar uma guerra na Europa. No entanto, Churchill não acreditava na eficácia desse acordo. Na seguinte citação, de seu discurso em 5 de outubro de 1938, por título “Uma derrota total e absoluta”,¹² na Câmara dos Comuns, podemos ver a sua resposta dialógica de discordância ante o acordo, que estava sendo aclamado quase unanimemente no parlamento; podemos ver a interdiscursividade de vários de seus argumentos dos anos 1930: supressão da soberania de nações pelos nazistas, negligência do governo em preparar-se militarmente para intimidar a Alemanha (como forma de evitar a guerra), críticas ao apaziguamento, evocação do passado britânico como fonte de exemplos para evitar tragédias:

Arrisco-me a dizer que, no futuro, o Estado tcheco não poderá ser mantido como entidade independente. Vocês verão que, num espaço de tempo – que pode ser medido em anos, mas pode ser medido apenas em meses – a Tchecoslováquia será tragada pelo regime nazista. Talvez eles possam se juntar ao regime em desespero ou por vingança. De qualquer modo, a história está contada até o fim. Não podemos, no entanto, considerar o abandono e a ruína da Tchecoslováquia somente à luz do que aconteceu no último mês. Esta é a mais dolorosa consequência do que fizemos e do que deixamos de fazer nos últimos cinco anos – cinco anos de boas intenções inúteis, cinco anos de uma busca ávida pela linha de menor resistência, cinco anos de ininterrupto recuo do poder britânico, cinco anos de negligência com as nossas defesas aéreas. Estes são os elementos que insisto em declarar e que marcaram uma imprevidente administração e pelos quais a Grã-Bretanha e a França têm de pagar caro. Nós fomos rebaixados nestes últimos cinco anos de uma posição de segurança tão superior e tão indiscutível que não nos preocupamos em questioná-la. Fomos rebaixados de uma posição na qual considerava-se que a própria palavra “guerra” era usada somente por pessoas qualificadas para um asilo de lunáticos. Fomos rebaixados de uma posição de segurança e poder – poder para fazer o bem, poder para ser generoso com um inimigo derrotado, poder para fazer acordos com a Alemanha, poder para dar a correta reparação para o seu descontentamento, poder para impedi-la de se armar se assim

¹² Há duas versões em português deste discurso. A primeira, intitulada “O acordo de Munich”, na tradução de R. Magalhães Júnior, está justamente no livro “Sangue, suor e lágrimas”. A segunda, fonte do trecho em tela, na tradução de Antonio Carlos Braga, está no livro “Jamais ceder! Os melhores discursos de Winston Churchill”, organizado no original por seu neto Winston S. Churchill (1940-210), que também foi parlamentar.

escolhêssemos, poder para tomar qualquer medida de força, misericórdia ou justiça que achássemos correto – fomos rebaixados em cinco anos de uma posição segura e inquestionável para aquela onde nos encontramos agora. Quando penso nas justas esperanças para uma paz duradoura que ainda havia para a Europa, no início de 1933, quando Herr Hitler chegou ao poder pela primeira vez, e em todas as oportunidades de parar o crescimento do poder nazista que foram jogadas fora, quando penso nos acordos e recursos ilimitados que foram negligenciados ou desperdiçados, não posso acreditar que tenha existido algo semelhante em todo o curso da história. No que diz respeito a este país, a responsabilidade deve pesar sobre aqueles que tinham o controle indiscutível de nossos negócios políticos. Nem sequer evitaram que a Alemanha se rearmasse, nem nos rearmaram a tempo. Brigaram com a Itália sem salvar a Etiópia. Exploraram e desacreditaram a instituição da Liga das Nações e desprezaram a construção de alianças e associações que poderiam ter reparado erros anteriores. E assim deixaram-nos, na hora do julgamento, sem a defesa nacional adequada ou a segurança internacional efetiva. De férias, achei que era uma oportunidade para estudar o reinado do rei Ethelred, o Despreparado. A Casa vai se lembrar que este foi um período de grande infortúnio, no qual, a partir de uma posição forte que tínhamos conseguido, sob os descendentes do rei Alfredo, caímos rapidamente no caos. Foi o período do *Danegeld* [impostos pagos aos vikings para não saquearem a Grã-Bretanha] e das pressões externas. Devo dizer que as palavras ásperas da Crônica Anglo-saxônica, escrita há mil anos, me parecem adequadas, pelo menos tão adequadas como aquelas citações de Shakespeare com as quais fomos presenteados pelo último orador da fileira da oposição. Eis o que a Crônica Anglo-saxônica disse - e acho que as palavras se aplicam muito bem ao nosso relacionamento com a Alemanha: Todas estas calamidades caíram sobre nós por causa de maus conselhos, porque não lhes foi dada a atenção devida no momento certo – e nem sequer lhes foi apresentada resistência. Mas quando as calamidades já tinham feito o mal maior, aí então foi feita a paz. Esta é a sabedoria do passado, porque sabedoria não pode ser do presente (Churchill, 2005, p. 145-146).

No discurso “Atravessamos uma época [...]”, vemos a retomada interdiscursiva de suas epigramas antinazistas. O discurso é aberto com a seguinte expressão: “Há cinco meses estamos em guerra contra a maior potência militar e aérea do mundo” (Churchill, 141, 184). Seu intuito ao dizer isso é mostrar o perigo que os nazistas representam e o momento difícil no qual a nação britânica se encontra. Mais adiante, ele expõe os crimes nazistas na Tchecoslováquia e na Polônia:

Consideremos, por um instante, a maneira pela qual a Alemanha Nazista trata os povos que subjugou. Os invasores alemães, por tôdas as formas de opressão cultural, social e econômica, prosseguem no seu objetivo de destruir a nação checa. Fuzilam-se estudantes às centenas e torturam-se milhares nos campos de concentração. Foram fechadas tôdas as universidades checas, inclusive a tradicional Universidade de Praga, fundada em 1348 – a primeira Universidade da Europa Central. Clínicas, laboratórios, bibliotecas de universidades – tudo foi pilhado ou destruído. Retiraram-se das bibliotecas públicas as obras dos escritores nacionais; suprimiram-se mais de dois mil jornais e revistas. Escritores, artistas e professores eminentes acham-se amontoados em campos de concentração; a administração pública e o Poder Judiciário, reduzidos a um verdadeiro caos. As terras da Checoslováquia foram pilhadas e todos os objetos portáteis, até a última migalha de pão, transportados para a Alemanha, por assaltantes organizados ou ladrões comuns. As propriedades das igrejas

são administradas e controladas por comissários alemães. Cem mil trabalhadores checos foram levados como escravos, para serem explorados na Alemanha. Oito milhões de checos – uma nação famosa e digna, há muitos séculos, de ser reconhecida, na Europa, como uma comunidade livre – debatem-se em agonia, sob a tirania alemã e nazista. Mas a tragédia dos checos desaparece diante das atrocidades que, neste momento em que vos falo, estão sendo perpetradas contra os poloneses. Na Polônia ocupada pela Alemanha, dominam as mais tremendas formas de terrorismo. Houve duas fases distintas. Na primeira, os alemães tentaram atemorizar a população, fusilando indivíduos apanhados ao acaso nas cidades. Em certo lugar, onde haviam decidido fusilar trinta e cinco pessoas e dispunham apenas de trinta e quatro, prenderam, numa farmácia, o primeiro desgraçado que encontraram, para completar o lote. Posteriormente, resolveram agir com mais discriminação e passaram a procurar, cuidadosamente, os líderes naturais da vida polonesa: os nobres, os proprietários, os padres, bem como os trabalhadores e camponeses mais conhecidos. Calcula-se que foram fusilados mais de quinze mil intelectuais influentes. Essas tremendas execuções em massa já se tornaram um hábito. Numa só cidade, trezentas pessoas foram enfileiradas de encontro ao muro; diz-se que, em outra, oficiais alemães embriagados mataram setenta reféns numa prisão; ainda em outra, foram massacrados cento e trinta e seis estudantes poloneses, alguns dos quais crianças de doze ou treze anos apenas. A tortura também é prática frequente. Homens e mulheres agarrados a esmo nas ruas, por bandos de militares, são arrastados em massa para trabalhos forçados na Alemanha. O espectro da fome apodera-se não só das ruínas de Varsóvia, como de todo o território da velha e tradicional Polônia, que ainda há poucos meses era a pátria de um povo de trinta e cinco milhões, com uma história que se projeta muito além da que faz o orgulho da Alemanha. “Os horrores e os atentados imperdoáveis cometidos contra um povo indefeso e desabrigado foram dados à público pelos depoimentos indubitáveis das testemunhas de vista”, declarou o Papa, numa irradiação do Vaticano, em 22 do corrente. “A iniquidade culminante – diz ainda a irradiação do Vaticano – está na supressão cínica de qualquer sugestão da crença religiosa, na vida de um dos povos mais devotos da Europa”. Por todos esses exemplos vergonhosos, bem podemos julgar qual seria o nosso próprio destino, se caíssemos nas garras dos alemães. Mas esses mesmos exemplos fortalecerão a nossa coragem de prosseguir na jornada, sem uma pausa, até que chegue o dia da libertação e da vitória da justiça (Churchill, 1941, p. 190-191).

Nos enunciados acima, Churchill denuncia como elementos do nazismo: subjugação de povos, invasão de territórios; opressão cultural, social e econômica; destruição de nações; fuzilamento de estudantes; tortura em campos de concentração; fechamento de universidades; pilhagem de instituições científicas e educacionais; supressão de livros e da imprensa para não haver a livre circulação de conhecimento e pensamento; prisão de intelectuais; destruição dos poderes constitucionais; roubos; controle de igrejas; escravização da população; terrorismo; execuções sumárias e em massa; matança da população por meio da fome. Ele sistematiza as denúncias, apresentando-as por ordem quanto ao que acontece na antiga Tchecoslováquia e depois na Polônia, para que suas críticas não fiquem confusas perante a audiência. Cita o papa Pio XII (1876-1958) para corroborar suas afirmações, para mostrar que as figuras proeminentes da época estão unidas contra o avanço do totalitarismo.

4.2.2 Promoção da democracia

As denúncias de Churchill contra o nazismo serviam para contrastar com a sua defesa intransigente da democracia como melhor forma de governo. Ele acreditava que seu país dera uma significativa contribuição ao refinamento do processo democrático, conforme Roberts (2020, p. 94-95) descreve

“Churchill substituiu a religião ortodoxa”, escreveu um biógrafo perspicaz, “por uma crença secular no progresso histórico, com forte ênfase na missão civilizatória da Grã-Bretanha e do Império Britânico.” Essa crença de que a Grã-Bretanha e seu Império eram entidades não só políticas, mas também espirituais, teve papel central em muitas decisões fundamentais de sua vida; o imperialismo foi, de fato, um substituto da religião. De suas extensas leituras de Macaulay e dos historiadores whigs, Churchill absorveu uma teoria do progresso histórico que considerava a adoção da Magna Carta entre os povos de língua inglesa, a Declaração de Direitos, a Constituição norte-americana e as instituições parlamentares como o ápice do desenvolvimento civilizatório. Tais avanços iam sendo lenta e cautelosamente concedidos àquelas partes do mundo governadas por eles. Na ausência da fé cristã, portanto, o Império Britânico se tornou, em certo sentido, o credo de Churchill.

Churchill contrasta suas denúncias com a exaltação que faz, no “Atravessamos uma época [...]”, das qualidades das instituições britânicas, apresentadas como democráticas, constituídas de um ambiente de liberdade em que a crítica é substancialmente necessária ao corpo político, por exemplo

Em nosso país, os homens públicos orgulham-se de servir ao povo. Teriam vergonha de dominá-lo. O apoio da Câmara dos Comuns e da Câmara dos Lordes e a regularidade de suas reuniões representam, para os ministros da Coroa, uma nova força e um constante estímulo. É verdade que o governo sofre críticas frequentes em ambas as Câmaras. Mas o governo não se melindra com as críticas de quem tenha em vista a nossa vitória nesta guerra. Não receamos críticas honestas, embora sejam de todas as mais perigosas. Ao contrário, levamos cada uma delas em consideração e procuramos aproveitá-las para o futuro. No corpo político, a crítica corresponde à dor no corpo humano. A dor não é agradável, mas, se não existisse, que seria do corpo humano? Sem as suas advertências contínuas não haveria saúde nem sensibilidade possível (Churchill, 1941, p. 189).

Em seu discurso de 24 de setembro de 1936, cujo título é “Graças a Deus pelo exército francês”, no *Théâtre des Ambassadeurs*, em Paris, Churchill faz uma pormenorizada caracterização do contraste entre uma ditadura (com críticas também aos soviéticos, que anos depois se uniram aos Aliados para derrotar os nazistas) e uma democracia

No momento, há três tipos de nações no mundo. Há as nações que são governadas pelos nazistas, as nações que são governadas pelos bolcheviques e as nações que são governadas por si mesmas. É nesta terceira classe de nações que os povos francês e inglês estão mais interessados. Estamos interessados nas nações que se governam por intermédio de Parlamentos eleitos livremente, sob uma franquia democrática. Estas são as nações onde as pessoas têm o direito de criticar os ministros e os funcionários do Estado. Podem escolher a natureza do governo que desejam para administrar as suas questões. Podem fazer reuniões públicas para expressar as suas diferentes opiniões. Se o cidadão individual se sentir lesado, tem o direito de processar legalmente o Estado – e há tribunais imparciais para dizer quem está com o direito, se o cidadão ou o Poder Executivo. Nestes países, o Estado existe para proteger os direitos do indivíduo, para capacitá-lo a dar o melhor de si mesmo e para assegurar o livre desenvolvimento da vida em família, dentro de sua casa. Moramos em países onde o povo é dono do governo – e não em países onde o governo é dono do povo. O pensamento é livre, o discurso é livre, a religião é livre, ninguém pode dizer que a imprensa não é livre. Em resumo, moramos numa sociedade liberal – o resultado direto dos grandes avanços conquistados nos valores, na dignidade e no bem-estar da humanidade, que sempre serão a glória do século XIX. Temos também a impressão de que na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Suíça, na Bélgica, na Holanda e na Escandinávia não só fizemos constituições liberais que asseguram os nossos direitos, mas também fomos capazes de produzir uma prosperidade material maior – e mais amplamente difundida entre as massas populares – do que qualquer forma de despotismo tenha mostrado até agora. Nestes países que se autogovernam, podemos reivindicar tanto a liderança do mundo no acúmulo de riqueza quanto no tratamento misericordioso do infortúnio. Temos de reconhecer que se trata de um grande tesouro a proteger, que esta herança por nós possuída representa uma conquista de séculos e que não há sequer um, dos nossos simples e incontáveis direitos, pelo qual homens melhores do que nós não tenham morrido na guilhotina ou nos campos de batalha. Não só temos um grande tesouro – temos uma grande causa. Estamos tomando todas as providências em nosso poder para defender esta causa? Estou certo de que as democracias francesa, britânica ou americana se sentiriam miseráveis se fossem repentinamente colocadas sob o comando nazista ou bolchevique. A França e a Inglaterra são os principais arquitetos da moderna civilização, e os Estados Unidos são o herdeiro e defensor de nossas idéias. Tendo sido educados numa atmosfera livre, como poderíamos suportar ser amordaçados e calados, ter espiões, bisbilhoteiros e delatores em cada esquina, ter até mesmo conversas particulares anotadas e usadas pela polícia secreta e por todos os seus agentes e colaboradores, ser presos e internados sem julgamento ou ser julgados por cortes políticas e partidárias, por crimes até então desconhecidos dos códigos civis? Como poderíamos suportar ser tratados como meninos de colégio quando somos homens adultos; ser levados a paradas militares com dezenas de milhares para marchar e dar vivas a este slogan ou aquele; ver filósofos, professores e autores intimidados e forçados até a morte a trabalhar em campos de concentração; ser forçados a cada hora a esconder os pensamentos naturais do intelecto humano e as pulsações do coração? Para não nos submetermos a uma tal opressão, não há limite a que não devamos ir. Nossa causa é boa. Nossos direitos são bons. Tenhamos certeza de que nossas armas são boas. Tenhamos certeza de que nossa conduta é inteligente. Tenhamos certeza de que é governada pela sagacidade e habilidade de um estadista (Churchill, 2005, p. 121-122).

Para que a democracia pudesse sobreviver, Churchill sabia que era necessário que os britânicos tivessem seu moral elevado e estimulado a derrotar os nazistas. No

discurso “Atravessamos uma época [...]”, ele lidera essa elevação do moral convocando seu público a contribuir nos esforços pela democracia, como vemos na parte final do discurso

Vamos, pois: para a tarefa, para a batalha, para o trabalho, cada um fazendo a sua parte, cada um no seu setor. Enchei as fileiras dos exércitos, dominai os ares, produzi munições, construí navios, vigiai as ruas, socorrei os feridos, levantai o ânimo dos desanimados e honrai os bravos. Caminhemos para diante, juntos, em todos os recantos do Império, em todos os recantos da ilha. Não há uma semana, um dia, uma hora a perder (Churchill, 1941, p. 191).

No seu discurso intitulado “Sangue, trabalho, lágrimas e suor”,¹³ de 13 de maio de 1940, na Câmara dos Comuns, dias depois de ter assumido como primeiro-ministro, Churchill retomou a dialogicidade da elevação do moral britânico, estimulando-o a vencer a guerra, como vemos neste trecho

Temos diante de nós um desafio dos mais graves. Temos diante de nós muitos, muitos e longos meses de luta e de sofrimento. Vocês perguntam: qual é o nosso plano de ação? Posso dizer: é travar a guerra pelo mar, pela terra e pelo ar, com todo o nosso poder e com toda a força que Deus nos possa dar; travar a guerra contra uma monstruosa tirania jamais suplantada nos registros sombrios e lamentáveis do crime humano. Este é o nosso plano de ação. Vocês perguntam: qual é nosso objetivo? Posso responder em uma palavra: é a vitória, a vitória a todo custo, a vitória a despeito de todo o terror, a vitória mesmo que a estrada seja longa e penosa – pois sem vitória não há sobrevivência. Que isto seja entendido: sem vitória não há sobrevivência para o Império Britânico, não há sobrevivência para tudo aquilo que o Império Britânico tem representado, não há sobrevivência para os ímpetus e para os estímulos daquelas épocas em que a humanidade se move para frente, em direção aos seus objetivos. Assumo a minha tarefa com ânimo e esperança. Estou seguro de que a nossa causa não irá fracassar entre os homens. Neste momento, sinto-me autorizado a pedir a ajuda de todos, e digo: “Venham, vamos em frente juntos, com a força da nossa união.” (Churchill, 2005, p. 168-169).

Desde antes de ser parlamentar, Churchill já entendia a importância de elevar o ânimo do enunciatário como um dos deveres de um líder. Quando tinha 25 anos e fugiu de uma prisão em Pretória (na atual África do Sul), na região do Transvaal – no contexto de uma guerra entre a população bôer (brancos descendentes principalmente de holandeses) e o império britânico –, ele foi recepcionado como herói pela população em frente à prefeitura de Durban, na então colônia britânica de Natal. O discurso que fez nessa ocasião, intitulado “Fuga!”, em 23 de dezembro de 1899, já dialogava com seus futuros discursos de estímulo para a vitória da Segunda Guerra, conforme vemos no seguinte trecho

¹³ Este é o título do discurso no livro “Jamais ceder! Os melhores discursos de Winston Churchill”. No livro “Sangue, suor e lágrimas”, seu título é “Primeiro ministro”.

Não é o momento para um discurso longo. Estamos fora do terreno das palavras: temos de ir para o terreno das ações. Estamos agora na região da guerra – e nesta guerra ainda não chegamos à metade do caminho. Porém, com a determinação de um grande império, cercado por colônias de lealdade sem precedentes, iremos conduzir nossa política a um final bem-sucedido e, unidos pela velha bandeira, haverá uma era de paz, liberdade, igualdade e bom governo na África do Sul (Churchill, 2005, p. 35).

Sua defesa de um império colonialista destoa da concepção atualmente mais sofisticada de democracia. É necessário entender que Churchill é um personagem do fim do século XIX e início do XX, o que é explicado por Roberts (2020, p. 93-94)

Outro autor cuja obra teve grande efeito sobre Churchill, para o bem e para o mal, foi Charles Darwin. Como muitos de seus contemporâneos, ele estendeu as implicações das ideias de Darwin para a esfera humana e veio a acreditar que as diferentes raças evoluíam a diferentes velocidades, tal como os animais e as plantas ao longo dos milênios. O ponto em que ele se distinguiu fundamentalmente de outros darwinistas sociais era em sua crença de que as raças mais fortes e mais “avançadas” – entre as quais incluía os anglo-saxões e os judeus – tinham uma responsabilidade moral mais profunda perante as que considerava mais fracas e menos evoluídas. Isso condizia com seu sólido senso de *noblesse oblige* e seus princípios da Democracia Tory.

Sondermann (2018, p. 134-134) ainda elucida que

Podemos, à luz dos dias de hoje, perguntar-nos: mas afinal, quando a Grã-Bretanha invadia territórios e conquistava suas colônias, não estava agindo de modo semelhante à Hitler? A resposta é simples e é não. As guerras coloniais buscavam mercados, fornecimento de matérias-primas e ampliação do poderio econômico. Não se trata de justificar as guerras coloniais nem defender a posição dos colonizadores, apenas traçar uma relação comparativa sem juízo de valor algum. A invasão nazista procurava realizar uma limpeza étnica através do extermínio completo de povos, raças ou religiões.

As declarações de Churchill contra o nazismo e de exaltação da democracia, promovendo dessa forma um contraste dialógico entre ambos, fazem uma conexão com este conceito de “civilização” que ele apresentou num discurso, cujo título é justamente “Civilização”, em 2 de julho de 1938, na Universidade de Bristol

Existem poucas palavras usadas tão inutilmente como a palavra “civilização”. Que significado tem esse vocábulo? Significa uma sociedade baseada na opinião dos civis. Significa que a violência, o predomínio dos guerreiros e dos tiranos, dos chefes despóticos, dos campos de concentração, da belicosidade e da força cega, cedem lugar aos Parlamentos onde as leis são forjadas e às câmaras de justiça através das quais essas mesmas leis são mantidas. Eis o que é “civilização”, – solo em que, continuamente, ininterruptamente, frondejam e florescem a liberdade, o conforto e a cultura. Quando a civilização impera num

país, uma vida mais ampla e menos opressiva pode ser fruída pelas massas populares. As tradições do passado são cultivadas com entusiasmo e a herança legada às gerações do presente pelos nossos antepassados, cheios de sabedoria e de heroísmo, se torna um precioso patrimônio comum, a cujo gozo todos os cidadãos têm igual direito (Churchill, 1941, p. 46).

Todas essas declarações em defesa do regime democrático e com vistas ao moral elevado da população eram conectadas na crença comum dos que o ouviam, de que era necessário a união do povo para garantir a soberania do país. Em sua posição de liderança, Churchill dialogou com essa crença comum, como mostra Roberts (2020, p. 1077)

No discurso que fez em Westminster Hall, em 30 de novembro de 1954, ao completar oitenta anos, repetiu uma afirmação que fizera muitas vezes antes: “Era uma nação e uma raça que habitava todo um globo e que tinha coração de leão. Tive a sorte de ser chamado para dar o rugido”. Mas isso era realmente verdade? [...] Churchill estava sendo indevidamente modesto em Westminster Hall: era muito mais o caso de o primeiro-ministro ter o coração de leão e também ter dado o rugido, e ao fazê-lo ensinou o povo britânico a redescobrir essa qualidade latente em si mesmo.

Como líder político, Churchill punha em prática sua crença de que ele tinha a responsabilidade de conduzir o povo para a vitória contra a tirania, mantendo a ordem democrática e a soberania da nação.

Considerações finais

Ao realizarmos uma análise dialógica do discurso “Atravessamos uma época em que é preciso saber ousar e saber sofrer”, foi determinante discorrermos um pouco sobre a biografia de Churchill e sobre o contexto de produção desse discurso, a fim de compreendermos a construção dos efeitos de sentido produzidos por suas denúncias contra o nazismo e por sua defesa da democracia. Usando a retórica, Churchill buscou convencer o público a que se destinava seu discurso a unir-se aos combatentes das forças armadas e aos membros das instituições democráticas do país, como os do parlamento, no objetivo de resistir ao nazismo. Conforme indica Sondermann (2018, p. 376)

Todo ato de linguagem emana de uma pessoa em relação a outra, segundo um princípio de *alteridade* quando, sem a existência do outro, não existe consciência de si. Dessa relação nasce o princípio de *influência*, para que esse *outro* pense e atue segundo a intenção do primeiro. Churchill assume e, mais do que isso, personaliza a luta pela liberdade. Sua forma de agir, falar e vestir-se, as constantes visitas às frentes de batalha e às zonas bombardeadas nas cidades inglesas, o charuto sempre presente, a mão estendida com o “V” indicado por seus dedos são marcas ou signos de sua presença. Tais

manifestações vão construindo em torno dele um imaginário popular do líder que está próximo, em que pese sua origem nobre e sua aprovação nem sempre unânime.

Sendo os discursos de Winston Churchill um caso documentado na História de alguém que obteve êxito contra uma ditadura por meio do uso eficiente da comunicação pública (entre outros fatores), acreditamos que o estudo de seus discursos possa constituir um valioso recurso na resistência contra ideias totalitárias que eventualmente surjam na contemporaneidade. O orador deve construir um *ethos* por meio da denúncia do totalitarismo que ameace a soberania da nação, promovendo a democracia, ao dialogar com a opinião pública, permitindo credibilidade, emoção e conseqüentemente persuasão no público, para que este não só saiba a importância das liberdades democráticas, mas também as defenda e fortaleça.

Referências

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto & Abel do Nascimento Pena. 2. ed. rev. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. 5. ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.

BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso**. Organização e tradução de Paulo Bezerra. 1. ed. 2 reimp. São Paulo: Editora 34, 2019.

BARBOSA, R. C. **Algumas considerações sobre a educação clássica na Inglaterra vitoriana**. 2. ed. Londrina: História & Ensino, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/16581>. Acesso em: 4 set. 2023.

BROWN, B. **Building Secrets: Free Trade Hall: *Let's explore a building that is still firmly placed in the centre of not just music in Manchester, but the whole world: Peter Street's stunning Free Trade Hall*** [Segredos do edifício: Salão do Comércio Livre: Vamos explorar um edifício que ainda está firmemente colocado no centro não apenas da música em Manchester, mas de todo o mundo: o impressionante Salão do Comércio Livre da Rua Peter]. Manchester: Manchester's Finest, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://www.manchestersfinest.com/articles/building-secrets-free-trade-hall/>. Acesso em: 7 set. 2023.

CHURCHILL, W. **Jamais ceder! Os melhores discursos de Winston Churchill**. Tradução de Antonio Carlos Braga. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, [2003] 2005.

CHURCHILL, W. **Memórias da Segunda Guerra Mundial**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, [1959] 1995.

CHURCHILL, W. **Sangue, suor e lágrimas**. Tradução de R. Magalhães Júnior e Lya Cavalcanti. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, [1941] 1941.

DIAS, E. N. **Comunicação e identidade: o discurso de guerra de Winston Churchill**. Foz do Iguaçu: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2014. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação –. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2517-1.pdf>. Acesso em: 3 set. 2023.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. 6. reimp. São Paulo: Editora Contexto, 2022.

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; FINATTO, M. J. B.; TEIXEIRA, M. (Org.). **Dicionário de linguística da enunciação**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

JOHNSON, B. **O fator Churchill: como um homem fez história**. Tradução de Renato Marques. 2. ed. São Paulo: Planeta, [2014] 2016.

MAGNOLI, D. **Relações internacionais: teoria e história**. São Paulo: Saraiva Educação S. A., 2017. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=mYVnDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT6&dq=pol%C3%ADtica+de+apaziguamento+magnoli&ots=2auaMQwhBs&sig=bdm3vOHULrRIgNHp5WaeGhGg3xo#v=onepage&q=apaziguamento&f=false>. Acesso em: 23 ago. 2023.

MENEGUELLO, C. **A preservação do patrimônio e o tecido urbano: Parte 2: Manchester, Dublin e São Paulo: reflexões a partir de três estratégias para a recuperação do passado urbano**. 003.06. ed. São Paulo: Vitruvius, agosto 2000. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/01.003/993>. Acesso em: 15 ago. 2023.

MUSEUMS, Imperial War. **The Manchester Blitz** [A Blitz de Manchester; tradução nossa]. Londres: Imperial War Museums, 2023. Disponível em: [https://www.iwm.org.uk/history/the-manchester-blitz#:~:text=The%20city's%20infrastructure%20was%20badly,and%20unexploded%20bombs%20\(UXBs\)](https://www.iwm.org.uk/history/the-manchester-blitz#:~:text=The%20city's%20infrastructure%20was%20badly,and%20unexploded%20bombs%20(UXBs)). Acesso em: 7 set. 2023.

REZENDE, A. M. **Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano**. 2009. 280 p. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ALDR-7U8PNU/1/1432d.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

ROBERTS, A. **Churchill: caminhando com o destino**. Tradução de Denise Bottmann & Pedro Maia Soares. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [2018] 2020.

SACCONI, L. A. **Grande Dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Editora Nova Geração, 2010.

SANDYS, J.; HENLEY, W. **Deus e Churchill**: como os propósitos divinos marcaram a vida desse grande líder e a História. Tradução de Tássia Carvalho. Barueri, SP: Novo Século, [2015] 2018.

SILVA, S. A. **A ação discursiva de Winston Churchill como reforço da sua comunicação de liderança**. 2021. 186 p. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação – Comunicação, Organização e Liderança) - Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/37432/1/203004485.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2023.

SIR Winston Churchill's Fighting Speech To U.S. Congress (1943) | British Pathé. Londres: British Pathé, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8MEv_54n6mI. Acesso em: 18 ago. 2023.

SOCIETY, International Churchill. **Visit the historical sites of Winston Churchill across the globe** [Visite os locais históricos de Winston Churchill em todo o globo; tradução nossa]. Londres: International Churchill Society, 2022. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/visit/>. Acesso em: 7 set. 2023.

SOCIETY, International Churchill. **First Lord of the Admiralty 27 Jan 1940** [Primeiro Lorde do Almirantado; tradução nossa]. Londres: International Churchill Society, 2022. Disponível em: <https://winstonchurchill.org/resources/speeches/1940-the-finest-hour/first-lord-of-the-admiralty-27-jan-1940/>. Acesso em: 7 set. 2023.

SONDERMANN, R. **Churchill e a ciência por trás dos discursos**: como palavras se transformam em armas. São Paulo: LVM Editora, 2018.

WAINER, S. **Minha razão de viver**: memórias de um repórter. 15. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.